

NARRATIVAS SOBRE MULHERES LÉSBICAS NOS JORNAIS *O RIO BRANCO* E *GAZETA DO ACRE/A GAZETA* (1980-1990)

Samyr Alexssander Farias Leite¹

RESUMO

O objetivo do presente artigo é demarcar alguns tratamentos específicos nos procedimentos de construção das notícias pelos jornais *O Rio Branco* e *Gazeta do Acre/A Gazeta*, no recorte entre 1980-1990, dados aos sujeitos do gênero feminino, especificamente mulheres cisgêneras, que não correspondiam com suas performances de gênero e sexualidade às convenções hegemônicas da heteronormatividade. Os dados coletados em pesquisa monumental (documental) foram abordados pelo método qualitativo, visando à construção de análise que permitisse identificar os fatores influentes na formulação dos discursos heteronormativos, referentes às experiências de mulheres lésbicas, por meio das notícias e reportagens veiculadas nos jornais pesquisados. Um total de 06 narrativas jornalísticas são analisadas, a partir do diálogo com as perspectivas teóricas e críticas de Adrienne Rich (2009), Judith Butler (2015), Guacira Lopes Louro (2000), Foucault (1988), Miskolci (2009), Fachinni (2009), Pedroso (2001), entre outros.

Palavras-Chave: Lésbicas; Gênero; Sexualidade; LGBTIs; Amazônia acriana.

NARRATIVES ABOUT LESBIAN WOMEN IN NEWSPAPERS *O RIO BRANCO* AND *GAZETA DO ACRE/A GAZETA* (1980-1990)

ABSTRACT

The aim of this article is to outline some specific treatments in the procedures of news construction by the newspapers *O Rio Branco* and *Gazeta do Acre / A Gazeta*, in the 1980-1990 clipping, given to female subjects, specifically cisgender women, who did not correspond with their gender and sexuality performances to the hegemonic conventions of heteronormativity. The data collected in monumental (documentary) research were approached by the qualitative method, aiming at the construction of analysis that would allow identifying the influential factors in the formulation of heteronormative discourses, referring to the experiences of lesbian women, through the news and reports published in the researched newspapers. A total of 06 journalistic narratives are analyzed from the dialogue with the theoretical and critical perspectives of Adrienne Rich (2009), Judith Butler (2015), Guacira Lopes Louro (2000), Foucault (1988), Miskolci (2009), Fachinni (2009), Pedroso (2001), among others.

Keywords: Lesbians; Gender; Sexuality. LGBTIs; Acriana Amazon.

No processo de pesquisa para a elaboração de dissertação intitulada “*Sapatões*”, “*Gays*”, “*baitolas*”, “*meninas*”, “*bonecas*”, “*travestis*” e “*gilete*”: *Os discursos da*

¹ Graduado em História (Licenciatura) e Mestre em Letras: Linguagem e Identidade, pela Universidade Federal do Acre (UFAC).

*heteronormatividade nos jornais O Rio Branco e Gazeta do Acre/A Gazeta (1980-1990)*², realizou-se a coleta de um total de 225 (duzentas e vinte cinco) narrativas jornalísticas, de diferentes gêneros textuais³, que abordavam “acontecimentos” envolvendo pessoas gays, lésbicas, bissexuais, transgêneras e intersexuais. Nesse universo de textos coletados, um total de 19 (dezenove), cerca de 8,44%, apresentavam narrativas com o envolvimento de mulheres definidas como lésbicas, sendo esse um número bem menos expressivo quando comparado com o quantitativo de textos que narravam “fatos” envolvendo os sujeitos designados como gays e/ou travestis.

Nos textos jornalísticos coletados, os sujeitos designados como pertencentes ao gênero masculino e identificados como homossexuais (“gays”, “bichas”, “meninas”, “bonecas”) seriam referenciados enquanto integrantes de um “mundo gay acreano” e reconhecidos enquanto indivíduos pertencentes a um grupo ou coletividade, por trafegar por determinados espaços da capital do Acre e exercitar práticas narradas como publicamente vinculadas à homossexualidade, contudo, em nenhuma das notícias coletadas, as mulheres ditas homossexuais seriam relacionadas como parte desse “mundo” ou grupo de sujeitos (LEITE, 2018).

Pode-se introduzir, a partir dessa percepção, a perspectiva de maior visibilidade dos sujeitos designados masculinos e dissidentes das normativas hegemônicas para o gênero e/ou sexualidade, referenciados em diversos discursos e no imaginário social como os “sujeitos” que expressariam todos os “desvios” da “normalidade” heterossexual, promovendo a secundarização e o apagamento de diversas experiências,

² Defendida e aprovada junto ao Programa de Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre - UFAC. Disponível no endereço: <https://posletrasufac.com/dissertacoes/>.

³ Consideradas as diferenças básicas de estilo e de gênero textual nos jornais, destaca-se que das 225 narrativas coletadas, 170 podem ser classificadas como notícias (75,55%), assim consideradas narrativas que notificam um acontecimento pontual e sem desdobramentos posteriores, conforme delimitado por Bahia (2009). Há 13 reportagens (5,77%) mais elaboradas, apresentando maior número de situações e personagens, com trabalho de pesquisa mais detalhado do jornalista. Foram catalogados 13 artigos de opinião (5,77%), assim classificados por emitirem juízos de valor de sujeitos que não falavam pelo veículo de mídia, mas que por possuírem posição destacada em alguma função de relevância social, opinavam sobre acontecimentos específicos. Os jornais apresentaram ainda 02 Artigos de especialistas (0,88%), que produziam textos para informar de forma genérica sobre suas pesquisas ou comentar sobre produções de terceiros; 02 entrevistas (0,88%), 11 textos de colonistas (4,88%), 02 cartas de leitores (0,88%) coletadas na coluna “Balcão de reclamações” da Gazeta do Acre/A Gazeta, e 12 editoriais (5,33%).

performances, desejos e afetos que também confrontam as convenções para a expressão do gênero e/ou sexualidade.

As definições para se nomear-significar o movimento social organizado no Brasil, do que se definiria nos anos 1970-80 como “*minorias sexuais*”, podem servir como indicativo de como os homens gays foram significados como as figuras “estandarte” das manifestações e representações públicas sobre a homossexualidade. Até 1993, o movimento era descrito como MHB (Movimento Homossexual Brasileiro), posteriormente, MGL (Movimento de Gays e Lésbicas), até se chegar a definição LGBT em 2008, estabelecida na 1ª Conferencia Nacional LGBT (FACHINI, 2009).

O reconhecimento da complexidade dos sujeitos políticos, antes aglutinados sob uma perspectiva sintetizadora, vai abrir espaço para a primeira delimitação em inícios dos anos 1990, especificamente no recorte de gênero, cindindo o referente uno da sexualidade “homossexual” em dois: gays (homens) e lésbicas (mulheres), resultado de uma intensa discussão nos movimentos organizados e da necessidade de se reconhecerem as especificidades das experiências lésbicas, suas pautas e perspectivas, pensando a sociedade brasileira como atravessada pelo sexismo, machismo e misoginia, fatores que impunham a essas sujeitas uma discriminação que articulava amplamente o gênero e a sexualidade. Sobre a questão do apagamento da existência política de mulheres lésbicas, cabe destacar o afirmado por Adrienne Rich:

As lésbicas têm sido historicamente destituídas de sua existência política através de sua “inclusão” como versão feminina da homossexualidade masculina. Equacionar a existência lésbica com a homossexualidade masculina, por serem as duas estigmatizadas, é o mesmo que apagar a realidade feminina mais uma vez. (...) Percebo a experiência lésbica a ser, tal como a maternidade, uma experiência profundamente feminina, com opressões, significados e potencialidades particulares, que não podemos compreender quando nós a agrupamos simplesmente com outras existências sexualmente estigmatizadas. (RICH, 2009, p. 36).

Rich pontua que as experiências lésbicas guardam singularidades e que não podem ser compreendidas, simples e unilateralmente, como a versão “feminina” da homossexualidade “masculina”, pois, as posições socialmente elaboradas para as mulheres proporcionam a vivência de uma afetividade homossexual atravessada por questões de gênero, classe, etnia, liberdade e repressão sexual, geração e maternidade,

guardando características, em diversos e complexos aspectos, particulares as vivenciadas por homens gays.

Nessa direção, a perspectiva de “atividade” e “passividade” poderia ser destacada para ampliar o debate. De maneira geral, a homossexualidade masculina é significadora como “transgressora” das convenções hegemônicas para o gênero e/ou sexualidade por tornar “passivo” o sujeito masculino, culturalmente elaborado para ser o “provedor”, “penetrador” e “dominador”. Em contraponto, a homossexualidade feminina seria “desviante” por “ativar” características sexuais, e mesmo outros aspectos da existência social, que deveriam ser “passivas” nas mulheres, cabendo a elas estar restritas a serem “providas”, “penetradas” e “dominadas”.

As narrativas jornalísticas articulam essa perspectiva em suas gramáticas discursivas, referenciando os sujeitos designados masculinos e femininos em diferentes posições de representação e reconhecimento social. As mídias operacionalizam uma pedagogia da sexualidade no conjunto de discursos que difunde e produz sobre os corpos, enquanto instância pedagógica do cultural (LOURO, 2000). Uma pedagogia formulada a partir de imperativos de geração, raça, nacionalidade, classe e etnia, e que estabelecerá posições-de-sujeito para os indivíduos e “verdades” para abordar as práticas afetivo-sexuais.

A pesquisadora Rosa Nívea Pedroso, em *A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista* (2001), pontua que os corpos e ações das mulheres, ou dos sujeitos com performance de gênero mais próxima do compreendido como feminino, são frequentemente significados em narrativas jornalísticas sensacionalistas, como “objeto do prazer masculino” e, especificamente, no caso de mulheres identificadas lésbicas, por referências a “manifestação da sexualidade e às atitudes de coragem e iniciativa, pela traição que comete contra a passividade social e sexual feminina e por prescindir da presença fálica do masculino” (PEDROSO, 2001, p.73). Os corpos e ações dos homens, em contraposição, são significados enquanto “representantes da ordem”, “viris”, “possuidores de órgão sexual visível” e, especificamente no caso de sujeitos identificados por gays, “como um desvio subversivo e traidor da virilidade espontânea do ser macho e das vivências pulsionais do masculino” (PEDROSO, 2001, p.75).

Nesse sentido, o objetivo desse artigo é demarcar alguns tratamentos específicos nos procedimentos de construção das notícias pelos jornais *O Rio Branco* e *Gazeta do Acre/A Gazeta*, no recorte entre 1980-1990, dados aos sujeitos do gênero feminino, especificamente mulheres cisgêneras⁴, que não correspondiam com suas performances de gênero e/ou sexualidade as convenções hegemônicas da heteronormatividade. Os dados coletados em pesquisa monumental (documental) foram abordados pelo método qualitativo, visando à construção de análise que permitisse identificar os fatores influentes na formulação dos discursos heteronormativos, referentes às experiências de mulheres lésbicas, por meio das notícias e reportagens veiculadas nos jornais pesquisados.

A heteronormatividade se remete, na perspectiva empregada nesse texto, “às expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade” (MISKOLCI, 2009, p. 157). Assim, quando se fala em “heteronormatividade” não se produz referência a um modo de “ser” hétero, mas a compreensão da heterossexualidade como norma, uma grade de regularidade discursiva na qual se projetam e delimitam uma infinidade de subjetividades (FOUCAULT, 1988), ordenadas a partir de formações discursivas complexas, visando produzir um “sentido” específico de verdade, a partir do que Foucault delimitaria como “dispositivo da sexualidade”.

Diversos discursos de ordem científica, política, jurídica e religiosa definirão a heterossexualidade como a única expressão saudável e coerente da afetividade humana. A perspectiva da heterossexualidade como norma nos permite compreender como uma matriz hegemônica de inteligibilidade cultural dos gêneros orienta uma hierarquização dos sujeitos, estabelecendo como *gêneros inteligíveis* aqueles que se expressam por uma pretensa continuidade entre sexo-gênero-desejo e como não inteligíveis os que rompem com essa lógica de coerência e são significados enquanto falhas e anormalidades que não deveriam existir (BUTLER, 2015).

⁴ Define-se o sujeito como cisgênero quando este se identifica com o gênero que lhe foi designado ao nascer. Como postula Viviane Vergueiro: “a cisgeneridade pode ser resumida como sendo a identidade de gênero daquelas pessoas cuja ‘experiência interna e individual do gênero’ corresponda ao ‘sexo atribuído no nascimento’ a elas. Em outras palavras, ‘o termo ‘cisgênero’ é um conceito que abarca as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento, ou seja, as pessoas não-transgênero” (VERGUEIRO, 2015, p. 44).

Conforme Guacira Lopes Louro, “a inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura” (LOURO, 2000, p. 06). Dessa perspectiva, os corpos, os gêneros e as sexualidades não são fatores “evidentes”, mas emergem como objetos/sujeitos engendrados por inúmeros discursos que circulam socialmente e produzem efeitos de verdade.

Nos jornais pesquisados, a palavra “*sapatão*” foi predominante para designar as mulheres lésbicas nas notícias, eventualmente, o termo “*rala coco*” e algumas referências como “*machudas*” e “*virago*”⁵. A identidade de “lésbica-sapatão” era significada nos textos jornalísticos, de forma geral, em contraste a de mulher, consideradas as convenções culturais hegemônicas para essa categoria identitária. A sujeita identificada por lésbica era narrada como alguém de comportamento não correspondente ao esperado para o gênero feminino. As notícias construía um sentido de oposição entre essas identidades femininas já em suas manchetes:

“Lésbica bate em menina que lhe negou seu amor” (*A Gazeta*, 23.04.1989, edição 1013): a “menina” é alguém que rejeita as investidas da lésbica e resguarda uma condição presumida de heterossexualidade, conforme o texto: “(...) Assustada ao ser agarrada e beijada pela sapatão, deu um repelão na rala-coco, que lhe puxava pelo braço para ir até sua casa”.

“Meretriz espanca lésbica que lhe passou cantada” (*A Gazeta*, 15.06.1989, edição 1056): a posição de meretriz na notícia contrasta com a de lésbica, por ser uma mulher que pratica sexo não monogâmico e com finalidades lucrativas, contudo, mesmo representada como envolvida em relações afetivo-sexuais socialmente estigmatizadas, ainda, presumidamente, heterossexual. O jornalista destaca a seguinte afirmativa referente à “meretriz”: “Marilete gosta é de homem, não de sapatão”.

“Sapatão rouba a mulher do Paraíba” (*O Rio Branco*, 20.09.1988, edição 3507): nessa manchete, o termo sapatão é empregado para se estabelecer diferença entre os de “mulher” e “Paraíba”, esse último termo comumente utilizado para se referir a alguém proveniente do nordeste brasileiro, mas que na notícia, se refere ao apelido de um homem que desconfiava da traição da esposa com uma mulher, supostamente, lésbica.

⁵ Segundo o “*Dicionário Online de Português*”, o termo “Virago” significa: mulher cuja aparência e/ou trejeitos assemelham-se aos do gênero masculino; mulher de hábitos masculinos; machona. (Disponível em: <https://www.dicio.com.br/virago/>; acesso em set. 2019).

Assim, três personagens são apresentadas no texto: mulher supostamente homossexual (“sapatão”), mulher heterossexual (“mulher do Paraíba”) e homem heterossexual (o “Paraíba”). A condição de lésbica da mulher é apontada pelo homem, “Paraíba”, que desconfia da relação de amizade de sua esposa com ela, entretanto, é negada por ela nos seguintes termos: “(...) gosto mesmo é de homem, a Fátima é apenas boa amiga”.

Um dos focos frequentes das narrativas jornalísticas que noticiavam situações envolvendo mulheres lésbicas era a vivência de afetividades-sexualidades que independiam da presença masculina, sendo essas relações significadas como ilegítimas pelos jornais e, em algumas narrativas, tratadas como “paixão danada”⁶, “papagaiada”⁷ e “curiosa ocorrência”⁸. As notícias davam notabilidade às seguintes afirmações:

(...) **“Onde já se viu, numa terra como Rio Branco, onde tem macho pra chuchu, eu transar com uma mulher?”**, gritava a meretriz, indignada com sua má sorte (...). (Trecho da notícia Meretriz espanca lésbica que lhe passou cantada, jornal *A Gazeta*, 15.06.1989, edição 1056).

(...) As duas jovens se portavam inconvenientemente no “Forró do Sifrone”, onde segundo testemunhas trocaram tapas por causa de outra mulher (...). Formou-se um belo tumulto que culminou com as duas recolhidas ao xadrez do 6º DP. O soldado PM Francisco Roberto Vicente, que estava bêbado, insistiu em ser preso e terminou por conseguir seu objetivo, sendo mais tarde entregue a uma patrulha que passava pelo local, **pois queria “recuperar” as ruas ralas cocos da mania de fabricarem sabão**. (Trecho da notícia “Sapatões lutam no forró por ciúmes demais”, jornal *A Gazeta*, 12.11.1989, edição 1204).

Apesar de existir muito homem na praça, Odete e Maria Antônia resolveram se amar loucamente e que ninguém pode impedir esse amor alucinante. (Trecho de notícia “Polícia estrada tórrido amor de ‘sapatões’”, jornal *O Rio Branco*, 17.04.1986, edição 2804).

Ainda por esse viés, havia uma incidência em se retratar os relacionamentos como “loucos”, com afirmações como: “Márcia Maria e Socorro Sampaio se amam loucamente até mesmo na gaiola” (*O Rio Branco*, 15.05.1986, edição 2826); “Odete e Maria Antônia resolveram se amar loucamente e que ninguém pode impedir esse amor alucinante” (*O Rio Branco*, 17.04.1986, edição 2824); “No xadrez Cida confessou seu louco amor por Zirlete” (*O Rio Branco*, 04.09.1987, edição 3216).

⁶ Jornal *O Rio Branco*, notícia “Traída pela mulher sapatão promete matar querida”, 04.09.1987, edição 3216.

⁷ Jornal *O Rio Branco*, notícia “Mundo virado: sapatões enciumadas são presas após tentarem matar uma menor”, 15.05.1986, edição 2826.

⁸ Jornal *O Rio Branco*, notícia “Polícia estraga tórrido amor de deus ‘sapatões’”, 17.04.1986, edição 2804.

A homossexualidade feminina emerge narrada nas notícias quase como uma pseudo-homossexualidade, pois, as mulheres não teriam esse tipo de comportamento caso houvesse homens disponíveis para “recuperá-las”, tanto num sentido de manter relações sexuais, quanto no sentido de moralizar possíveis “desvios” sexuais. A figura de um pai/irmão, marido ou policial aparece referenciada em algumas narrativas como elemento masculino capaz de “corrigir” as condutas femininas.

Na notícia “Sapatão rouba a mulher do Paraíba” (*O Rio Branco*, 20.09.1988, edição 3507), o marido é descrito como o responsável por fazer cessar um suposto comportamento homossexual das mulheres, afirmando à narrativa: “Há vários dias o comerciante achou que deveria tomar as medidas cabíveis, dando inicialmente uma surra em Maria do Socorro para que deixasse sua mulher em paz”. Em narrativa de “Sapatão vira fera e quis bater na mãe e na polícia” (*O Rio Branco*, 24.10.1986, edição 2962), se destaca: “(...) Maria de Fátima, que tem quase um metro e oitenta gosta mesmo é de mulher, por isso sempre teve problemas com seu irmão mais velho, Francisco da Silva (23 anos)”. No texto “Mundo virado: sapatões enciumadas são presas após tentarem matar uma menor”, afirma-se:

(...). Mais uma vez as “bico largo 44” provaram que realmente se gostam e foram juntas para o xadrez onde estavam até a manhã de ontem aguardando o momento de falar com o **delegado Elon Batista de Mendonça, que ainda é do tempo que mulher só dava certo com homem.** (Jornal *O Rio Branco*, 15.05.1986, edição 2826).

A notícia ressalta que a autoridade policial responsável pela ocorrência com o envolvimento de duas mulheres lésbicas, o delegado identificado por Elon Batista de Mendonça, compartilha de uma moralidade sexual hegemônica (“do tempo que mulher só dava certo com homem”) e que se posiciona contra a homossexualidade feminina, deslocando-a para uma posição de indesejada e potencialmente infratora da ordem heterossexista⁹. A figura masculina, de presumida heterossexualidade, ocupa uma posição de superioridade social frente às mulheres: garantida por sua identidade de gênero, sexualidade e enquanto agente da ordem policial e da lei.

⁹ Neste trabalho compartilha-se da definição de Daniel Borrillo de *heterossexismo*: “como a crença na existência de uma hierarquia das sexualidades, em que a heterossexualidade ocupa posição superior. Todas as outras formas de sexualidade são consideradas, na melhor das hipóteses, incompletas, acidentais e perversas; e, na pior, patológicas, criminosas, imorais e destruidoras da civilização”. (BORILLO, 2015, p. 30).

Outra situação com agentes policiais coibindo comportamentos “inadequados” de mulheres lésbicas pode ser referenciada na notícia “Polícia estraga tórrido amor de ‘sapatões’”:

Uma curiosa ocorrência foi registrada no 2º Distrito Policial, terça-feira à noite, quando agentes de plantão naquela distrital foram chamados ao bairro Quinze para atender um chamado e prenderam as jovens Maria Antônia da Silva (18 anos, solteira) e Odete Ferreira Braga (18 anos, solteira, residentes no bairro Taquari) que trocavam calorosas carícias num “inferninho” na zona de meretrício. **Diante da cena os policiais ficaram revoltados e levaram as “sapatões” para o xadrez.** (Jornal *O Rio Branco*, 17.04.1986, edição, 2804).

Conforme o texto, os agentes policiais “ficaram revoltados” e decidiram prender as mulheres, sem que elas estivessem cometendo infração grave prevista em lei, ressaltando-se que trocavam carícias em ambiente de considerável permissividade sexual, um “inferninho”, estabelecimento dedicado à diversão e, geralmente, ao exercício da prostituição feminina. Contudo, pelo que se pode auferir da leitura de narrativa jornalística, uma “permissividade” garantida somente aos sujeitos heterossexuais e do gênero masculino.

Os espaços dos “inferninhos”, alguns bastante conhecidos na cidade de Rio Branco entre os anos de 1960-1990, também eram constituídos por discursos que ressaltam uma dominação – hierarquização masculina e heterossexista dos corpos e desejos. Os homens que frequentavam esses ambientes, de um ângulo generalista, estavam numa posição de “clientes” e na busca por companhia feminina, sendo considerado “natural” que as mulheres presentes estivessem “disponíveis” para encontros sexuais remunerados, prioritariamente, com homens. Por esse viés, duas mulheres trocando carícias em “tórrido amor”, independente da presença masculina ou sem o objetivo de funcionar como “objeto de prazer masculino”, afetava e confundia as lógicas que normalizavam as relações afetivo-sexuais nos “inferninhos” da “zona de meretrício” rio-branquense.

Entretanto, também era possível encontrar nesses espaços, mulheres que não praticavam somente sexo com finalidades lucrativas, mas que estavam em busca de diversão, amizades e prazeres outros, e que, de maneira geral, foram significadas como “prostitutas”, por não corresponder às convenções sociais que desejavam vincular o feminino de forma restritiva ao espaço doméstico, casamento, sexo monogâmico e a

maternidade¹⁰. Dentro de uma cidade ordenada por relações de poder marcadamente masculinas e heterossexistas, as mulheres lésbicas não deveriam ter possibilidades de existir, mesmo naquelas “zonas” representadas como de considerável permissividade sexual, porque nessas também existiam expectativas acerca desses sujeitos do gênero feminino. Contudo, essas mulheres estavam presentes, como apontam as narrativas jornalísticas coletadas em pesquisa, mesmo enfrentando uma considerável estigmatização.

Outras “intervenções” de sujeitos masculinos, que requeriam uma espécie de efeito reparador de uma sexualidade “normal” das mulheres lésbicas, foram noticiadas pelos jornais. Narrativas sobre atos de estupro, onde os delitos eram secundarizados para se focar as sexualidades das vítimas (muitas vezes suposta) e o desejo de sujeitos do gênero masculino, curiosos por descobrir uma “verdade” por meio do uso abusivo e criminoso dos corpos femininos. Duas narrativas coletadas em pesquisa exploram esse viés “corretivo” de estupros praticados contra mulheres identificadas como lésbicas:

TARADOS ESTUPRAM “SAPATÃO” NA PONTE

Dois homens sendo que um deles é negro e de porte física avantajado, atacaram na madrugada de ontem a “sapatão” Ana Cleide Carvalho de Oliveira (21 anos, solteira, residente no bairro Seis de Agosto), que foi arrastada a força para a margem do Rio Acre, debaixo da ponte Coronel Sebastião Dantas, onde foi estuprada por mais de duas horas. A jovem, submetida a todas as vontades dos anormais, que diz não conhecer, foi abandonada no local e somente ontem de manhã reuniu forças para conseguir chegar em casa. Mais tarde procurou a Central de Polícia para comunicar o ocorrido, devendo hoje se apresentar na Delegacia da Mulher e prestar depoimento a respeito do caso.

Ana Cleide, jovem e bonita, é conhecida como sendo “sapatão” pelo fato de não ter namorado. Na madrugada de ontem estava numa festa quando conheceu um rapaz com o qual saiu no final do baile. Próximo ao Cine Recreio, um outro elemento, negro e de porte avantajado, também os acompanhou. Quando passavam pela rua de acesso á ponte Sebastião Dantas, a jovem foi agarrada pelo negro, que encostou uma faca contra sua garganta afirmando que a mesma deveria obedecê-lo sob pena de ser degolada. Ana Cleide foi levada para margem do Rio Acre, debaixo da ponte, e lá teve suas roupas rasgadas, para em seguida ser violentada, sexualmente pelos dois homens por mais de duas horas. A jovem chegou a desmaiar e somente pela manhã teve condições de andar e chegar até sua casa onde comunicou o ocorrido. A polícia já tem pistas de um dos anormais (o negro) que é conhecido marginal. (Jornal *O Rio Branco*, notícia “Tarados estupra, ‘sapatão’ na ponte”, 15.11.1988, edição nº 3558).

¹⁰ Para uma maior discussão acerca das representações elaboradas sobre prostituição feminina na cidade de Rio Branco, indica-se a leitura da dissertação “*Narrativas de papoucos, siribolos e pontapés: representações sobre prostituição em periódicos de Rio Branco*” (2016), de Altaíza Liane Marinho.

TARADOS ATACAM EM GRUPO TRÊS MULHERES, UMA DA PM.

A soldada da Polícia Militar, Maria Delcídes Sousa da Cunha, 19 anos, solteira, residente na Travessa Rádio Farol, bairro Aeroporto Velho, sua irmã Maria Idelzuite Souza da Cunha, 23, e sua amiga Genecílda da Cruz Pinho, 22 anos, solteira, residente na Rua Acre, s/nº, voltavam de uma festa na madrugada de sábado quando foram atacadas por seis maníacos sexuais, que tentaram estupra-las.

Como reagiram, acabaram selvagemmente surradas, sendo o caso mais grave o de Maria Idelzuite, que fraturou o braço esquerdo e está hospitalizada. No mesmo dia uma equipe do 6º Distrito Policial conseguiu prender um dos participantes da curra frustrada, o desocupado Antonio Moraes Ribeiro, 18 anos, solteiro, residente na Rua Alvorada, Sobral. O tarado alegou que ele e seus amigos estavam embriagados e que desejavam estuprar as jovens para abolir os comentários que as três são “sapatões”. “Quería até saber que gosto têm e nada mais”, comentou.

O comissário de plantão, Osvaldo de Castro, o “Metralha”, fez constar na ocorrência que as três mulheres tem realmente a fama de sapatões, sendo este um dos motivos da tentativa de estupro, já que são também bonitas e certamente atraiu a atenção dos anormais.

O certo é que Maria Delcídes que é PM, sua irmã Maria Idelzuite e a amiga Genecílda, voltavam para casa após uma festa quando encontraram com os seis rapazes, um dos quais tirou o pênis para fora e encostou no traseiro de uma das mulheres afirmando que “tinha coragem”. Juntamente com os demais partiram para o ataque, só que encontraram resistência por parte das mulheres e tiveram que correr muito para não apanhar.

Na briga a PM foi atingida no rosto e sua irmã Maria Idelzuite sofreu fratura em um dos braços, sendo hospitalizada. O ataque foi registrado no 6º Distrito Policial. Horas após aconteceu à prisão de Antonio Moraes Ribeiro, o principal acusado. O tarado em seu depoimento disse que estavam em sua companhia seus comparsas Beto, Joãozinho, Batata e mais dois que não conhece de nome. Todos os cinco sendo procurados desde ontem.

O preso fez questão de dizer que realmente ajudou a atacar as jovens, porém somente pela curiosidade de saber como uma sapatão se comportara numa relação sexual com um homem. (Jornal *A Gazeta*, notícia “Tarados atacam em grupo três mulheres, uma da PM”, 04.04.1989, edição nº 997).

A notícia cuja manchete é “Tarados estupram ‘sapatão’ na ponte” foi produzida e veiculada pelo jornal *O Rio Branco*, em 15.11.1988, edição nº 3558. O jornalista emprega na manchete o termo “sapatão”, remetendo-se a uma identidade feminina considerada negativa para significar a vítima, nesse contexto, um substitutivo estigmatizador para a identidade de “mulher”. O potencial de imprevisibilidade e captação de público da notícia sustenta-se pelas questões que um título como o escolhido poderia suscitar: *“Sapatões” são estupradas? Por que estuprariam uma “sapatão”? Por que não uma mulher “normal”?*

Na construção da referida notícia, empregam-se informações sem base certificada, pois, a condição de lésbica da vítima “é conhecida” por “não ter namorado”, sendo “jovem e bonita”. Contudo, é conhecida por quem? Como? Qual a fonte desta

afirmação? A falta de indicação da fonte das informações sobre a vítima prejudica a credibilidade da notícia, contudo, isso parece não importar ao estilo sensacionalista da página policial do jornal *O Rio Branco*, que busca envolver os leitores por seu caráter de violência insólita: estupro contra “sapatão”.

A narrativa também apresenta um dos homens acusados de estupro por meio de uma característica racial: “o negro”. Essa característica do sujeito será ressaltada em três momentos do texto: i) na introdução (“Dois homens sendo que um deles é negro e de porte físico avantajado”), ii) na descrição do contexto da situação (“Próximo ao Cine Recreio, um outro elemento, negro e de porte avantajado”; “(...) Quando passavam pela rua de acesso à ponte Sebastião Dantas, a jovem foi agarrada pelo negro”), e no iii) fechamento da notícia (“A polícia já tem pistas de um dos anormais (o negro) que é conhecido marginal”).

A característica racial do sujeito garante o “protagonismo” no delito, sendo que nenhum traço físico do segundo homem envolvido será ressaltado, e sua definição como “negro” permitirá a identificação como “conhecido marginal”. A racialização do sujeito certamente aciona estereótipos relacionados a uma sexualização exacerbada dos homens negros e a violência, considerando-se o crime cometido.

Conforme considera Stuart Hall (2003), existe uma percepção social que aproxima pessoas afrodescendentes com a natureza e, dessa perspectiva, entre inúmeras características ditas “naturais” dos sujeitos, se destacaria que “sejam impulsionados pela emoção e o sentimento em vez da razão, hiperssexualizados, tenham baixo autocontrole, tendam a violência” (HALL, 2003, p. 70). Com isso, Hall (2003) busca apontar, criticar e desarticular uma lógica racista que essencializa os sujeitos cruzando discursos culturais e biologicistas, que visam operar um processo de ocultação da construção social das identidades e relacionar as pessoas negras a uma “natureza” inferior, indolente e infratora.

Por esse viés, deve-se ressaltar que “raça” é um conceito socialmente construído, e não expressão de qualquer realidade biológica pré-discursiva, e que este termo-conceito perdeu credibilidade científica nos últimos anos (SOARES, 2011). Contudo, deve-se considerar que:

(...) "raça" deixou de ser uma realidade biológica para se tornar um artefato social, político e histórico. Isto é, se por um lado a "raça" perdeu grande parte de sua credibilidade e deixou de ser oficial quando perdeu o estatuto científico, por outro lado, no plano das relações culturais, econômicas e políticas ela é facilmente identificada como um importante eixo norteador de diversos planos da vida cotidiana dos brasileiros. Internalizada na ditadura do senso comum, seus reflexos persistem no dia-a-dia de grupos e indivíduos e nas falácias do cotidiano. (SOARES, 2011, p. 274).

A narrativa intitulada “Tarados estupram ‘sapatão’ na ponte” cruza marcadores de gênero, sexualidade e etnia para construir um acontecimento, dando enfoque a denominação estigmatizante de “sapatão” para se referir à vítima e a característica física de “negro” de um dos agressores, acionando preconceitos relativos a “desvios” de sexualidade e racismo para produzir efeitos de verdade, através de texto jornalístico deliberadamente sensacionalista.

Na segunda notícia, intitulada “Tarados atacam em grupo três mulheres, uma das PM”, publicada no jornal *A Gazeta*, em 04.04.1989, edição nº 997, narra-se tentativa de estupro efetuada por um grupo de seis homens contra três mulheres. A motivação da violência sexual seria uma vontade dos sujeitos em “saber que gosto tem e nada mais” ou “pela curiosidade de saber como uma sapatão se comportaria numa relação sexual com um homem” e para abolir comentários sobre as sexualidades das vítimas.

Segundo a narrativa jornalística, a autoridade policial responsável pelo caso destacou a suposta condição sexual das vítimas como um dos motivos da tentativa de estupro (“O comissário de plantão (...) fez constar na ocorrência que as três mulheres tem realmente fama de sapatões”) e, como elemento potencializador do desejo dos agressores, o fato das mulheres serem bonitas (“já que todas são também bonitas e certamente atraiu a atenção dos anormais”). A partir dessa lógica, mulheres lésbicas, por não performar o feminino como consagrado socialmente e em conformidade com uma matriz de inteligibilidade cultural dos gêneros, seriam “feias”, masculinizadas e pouco atraentes. As vítimas do atentado, por contrariar este estereótipo, são consideradas alvos ostensivos.

Do ângulo apresentado, o motivo do crime não é unicamente o desejo dos homens, que resulta em agressão e violência sexual, mas, também, a provocação das mulheres de serem lésbicas e bonitas, numa lógica que aponta para a culpabilização das

vítimas, no caso específico em dois sentidos: por serem lésbicas e por terem sido vítimas de agressão sexual.

Na construção da notícia, o jornalista escolhe por destacar a condição sexual das vítimas para incrementar sua narrativa e tentar compreender as agressões físicas violentas, aceitando um relato unilateral produzido pelos agentes policiais, cuja fonte primária é um dos agressores. A significação das vítimas como “sapatões” é produzida nesse contexto, sem manifestação ou direito de fala às mulheres agredidas. Construída conforme o modelo de pirâmide, a notícia no primeiro parágrafo faz um resumo do acontecimento, para posteriormente relatar as circunstâncias em que se deu e o contexto (SILVA; FONSECA, 2015). Esse modelo narrativo busca responder pontualmente seis perguntas clássicas que qualquer notícia deve responder: Quem? Quê? Quando? Onde? Por quê? Como?

Na narrativa em questão, a manchete aponta que a informação será sobre uma tentativa de estupro praticada por “tarados”. Entretanto, a notícia se inicia não com a apresentação de quem são os sujeitos que tentam o estupro, mas com a exposição das vítimas, de onde vinham e suas supostas sexualidades. Nessa configuração narrativa, as vítimas são expostas em primeiro plano e, secundariamente, os agressores.

A exposição antiética das vítimas por parte dos jornais, no recorte temporal pesquisado, deve ser destacada, pois, tendo os registros policiais como fontes para a construção de suas narrativas, os periódicos tornavam públicos dados pessoais dos envolvidos nas situações. A notícia “Tarados atacam grupo de três mulheres, uma da PM”, por exemplo, apresenta endereço completo e ocupação trabalhista das mulheres violentadas, com destaque de informações já em sua manchete.

Pode-se demarcar nos textos jornalísticos, ademais, uma percepção de domínio masculino sobre os corpos femininos, que emerge expressamente numa declaração registrada na notícia “Tarados atacam grupo de três mulheres, uma PM” (jornal *A Gazeta*, 04.04.1989, edição nº 997), onde um acusado de estupro diz: “Queria até saber que gosto têm e nada mais”. O jornalista ainda destaca uma justificativa do sujeito: “O preso fez questão de dizer que realmente ajudou a atacar as jovens, porém somente pela curiosidade de saber como uma sapatão se comportava numa relação sexual com um homem”.

O agressor, em sua posição de homem, poderia querer saber sobre este Outro “estranho”, a mulher lésbica, articulando em sua declaração uma série de discursos que estabelecem diferenças entre mulheres heterossexuais e homossexuais e que alimentam uma “curiosidade” de saber como uma “sapatão”, que a partir dessa lógica não seria uma mulher “normal”, se comportaria com um homem heterossexual.

Em ambas as notícias referenciadas sobre estupros contra mulheres lésbicas, emerge a figura do “tarado”. Os homens agressores são narrados pelo ângulo de uma anormalidade, como “maníacos sexuais”, retratados enquanto afetados por uma espécie de patologia “mental”. Contudo, as condutas dos sujeitos não parecem ser produzidas por um distúrbio ou patologia “mental”, mas encontrar possibilidade numa série de práticas e discursos que dizem o masculino como superior ao feminino e que, por consequência, autorizam ações “corretivas” dos homens sobre as mulheres, apontando também para a prevalência da heterossexualidade sobre as demais sexualidades, interpretadas como “inferiores” e “desviantes”.

A figura do “tarado” serve aos objetivos do discurso jornalístico sensacionalista, pois, remeteria, nas suas lógicas narrativas, a um suposto comportamento “excessivo”, “doente”, digno de notabilidade, “desmoralizado”, sem comprometimento com reflexões mais profundas sobre as relações de gênero e sexualidade estruturantes da sociedade brasileira, numa construção de sentido acerca do cotidiano dos sujeitos com gênero que fica a superfície das problemáticas, servindo mais para espetacularizar violências e captar público leitor.

Nesse sentido, as narrativas jornalísticas analisadas operam discursos e lógicas que produzem o apagamento da violência criminosa contra mulheres lésbicas e articulam demarcações sociais que se remetem aos estigmas e preconceitos existentes contra as pessoas com problemas de saúde mental, representadas enquanto “loucas”, “doentes”, “anormais” e propensas à violência e abusos, para apresentar de forma “reduativa” e “sensacionalista” as motivações dos ataques cometidos.

Contudo, deve-se considerar que “o estupro (assim como os maus-tratos, o incesto, a prostituição, o assédio sexual no trabalho etc.) são fenômenos de uma estrutura de poder, a existente entre homens e mulheres” (ANDRADE, 2005, p. 95). A personagem do indivíduo infrator deve ser problematizada, com a significação do

sujeito “criminoso” compreendida a partir de complexas relações de poder-saber atravessadas por questões de gênero, sexualidade, etnia e classe social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, com base no apresentado no presente artigo, pode-se concluir que as mulheres lésbicas foram retratadas nas narrativas dos jornais pesquisados com menor evidência do que os sujeitos identificados como gays e/ou travestis, entretanto, quando representadas, não foram “poupadas” de serem significadas a partir de uma série de estereótipos e preconceitos relativos ao gênero e a sexualidade, enquadradas como agentes de afetividades “loucas” e “ilegítimas”, sobretudo, por prescindir da presença do gênero masculino, sendo punidas com violências diversas por transgredirem normas sociais que preconizavam restringir os corpos e afetos femininos ao espaço do lar heterossexual, monogâmico, reprodutivo e, preferencialmente, sem finalidades lucrativas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Vera Regina Pereira de. A soberania Patriarcal: O Sistema de Justiça Criminal no tratamento da violência sexual contra a mulher. **Revista Seqüência**, nº 50, p. 71-102, jul. 2005.

BORILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 1. Ed; Belo Horizonte: Autentica Editora, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

FACCHINI, Regina. Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT brasileiro. **Bagoas**, Natal, Vol. 3. Nº 04. pp. 131-158. Disponível em < <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/issue/view/190/showToc> > Acesso em março de 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

HALL, Stuart. A Questão multicultural. In: SOVIK, Liv (org.). **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Tradução: Adelaine LaGuardia Resende et. al. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.

LEITE, Samyr Alexssander Farias. “Sapatões”, “Gays”, “baitolas”, “meninas”, “bonecas”, “travestis”, “gilete”: Os discursos da heteronormatividade nos jornais O Rio Branco e Gazeta do Acre/A Gazeta (1980-1990). 2018. 158 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade) – Universidade Federal do Acre. Rio Branco, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogia da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Editora Autentica, 2000. p. 07-34.

MARINHO, Altaíza Liane. **Narrativas de papoucos, siribolos e pontapés: representações sobre prostituição em periódicos de Rio Branco**. 2016. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagem e identidades) – Universidade Federal do Acre. Rio Branco, 2016.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.

SILVA, Wagner da Costa Silva; FONSECA, Fabiana Mesquita. A verdade na primeira linha: A construção do lide no jornalismo policial dos impressos A Tribuna e O Rio Branco. In: MENDES, Francielle Maria Modesto (org.). **Pesquisa em comunicação: Registros, Olhares e Narrativas**. Rio de Janeiro: Editora AMC Guedes, 2015. p. 182-211.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Revista Bagoas**, Natal, v. 4 n. 5, pag. 17-44, 2010. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/188347855/88392921-Adrienne-Rich-Heterossexualidade-Compulsoria-e-Existencia-Lesbica>>. Acesso em: 27 jul. 2019.

RUBIN, Gayle. **Pensando sobre Sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade**. Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes, revisão de Miriam Pillar Grossi. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1229/rubin_pensando_o_sexo.pdf?sequence=1>. Acesso em mai. 2017.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero informes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. 2016. 244 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015.

NARRATIVAS JORNALÍSTICAS

POLÍCIA estraga tórrido amor de duas sapatões. **O Rio Branco**, Rio Branco, 17 abr. 1986, edição 2804.

SAPATÕES enciumadas são presas após tentar matar menor. **O Rio Branco**, Rio Branco, 15 jun. 1986, edição 2826.

TARADOS estupram sapatão na ponte. **O Rio Branco**, Rio Branco, p. 08, 15 nov. 1988, edição 3558.

TARADOS atacam grupo de três mulheres, uma da PM. **A Gazeta**, Rio Branco, p. 07, 06 abr. 1989, edição 997.

MERETRIZ espanca lésbica que lhe passou cantada. **A Gazeta**, Rio Branco, 15 jun. 1989, edição 1056.

SAPATÕES lutam no forró por ciúmes demais. **A Gazeta**, Rio Branco, 12 nov. 1989, edição 1204.

Recebido em 29 de setembro de 2019

Aprovado em 18 de novembro de 2019